Eucaristia de Natal / 2021

Homilia

«Muitas vezes e de muitos modos falou Deus antigamente aos nossos pais pelos Profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por Seu filho». Servindo-nos destas palavras da Carta aos Hebreus damos continuidade à nossa reflexão já começada na Palavra de Deus proclamada na Celebração da Eucaristia da meia noite.

Após nos confrontarmos com o facto histórico do nascimento de Jesus de Nazaré e de acompanharmos o itinerário sugerido pelo Anjo que nos levou até ao presépio onde nos foi revelado o Filho de Deus que nasce na pobreza, na humildade e na simplicidade, somos, agora, convidados a reconhecer n’Ele a plenitude da revelação de Deus feita no Seu Filho.

Encontrar-se com Jesus de Nazaré, na simplicidade e na ternura de uma criança, é abrir-nos à surpreendente revelação de Deus feita na nossa humanidade pela encarnação do Verbo de Deus.

Deixando-nos fascinar pela contemplação do Menino que nos é anunciado e colocado sob o nosso olhar, descobrimos o que a Carta aos Hebreus nos refere ao dizer que «sendo Filho esplendor da Sua glória e imagem da Sua substância, tudo sustenta com a sua palavra poderosa».

Fragilidade e omnipotência, humanidade e divindade, simplicidade e poder, fragilidade e Senhor do Universo.

É precisamente neste contexto complexo e paradoxal para a inteligência humana mas a desafiar-nos a penetrarmos no mistério que nos é revelado e do qual temos necessidade absoluta para a nossa compreensão enquanto criaturas, não só pela inteligência mas também pelo amor, pela capacidade contemplativa e sobretudo abrindo o coração e a mente à revelação divina.

Deste modo, é eloquente o prólogo do Evangelho de S. João no qual nos é apresentado o Verbo Eterno de Deus, em comunhão divina com o Pai e com o Espirito, presente na criação do mundo. Mais ainda, n’Ele está a plenitude da Luz que a todos ilumina e por isso tão necessária para que a pessoa humana possa reconhecer o seu itinerário de vida, verdade, de bem e de amor. Luz que vem para romper as trevas densas que parecem impedir que a Luz se manifeste.

Que forte ambiguidade tão presente no mundo de hoje. Sim, também esta atitude se manifesta nos nossos tempos. As trevas da ignorância, do medo, do desespero e da alienação, alimentadas pela inteligência humana desvirtuada pelo materialismo feroz, afastada da luz que só de Deus poderá vir, exige da pessoa e da comunidade humana que sejam dóceis às vozes que encaminham ao encontro da verdadeira Luz que é Jesus de Nazaré. De facto, «o Verbo era a Luz verdadeira que, vindo a este mundo, ilumina todo o homem».

Mas S. João vai mais além ao afirmar que esta Luz não é uma realidade exterior à pessoa, pelo contrário, ela vive-se na condição de filhos de Deus.

Como afirma S. Paulo, «o próprio Espirito atesta em união em união com o nosso espirito que somos filhos de Deus. Filhos e igualmente herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo» (Rom. 8, 16-17).

Reconhecer que Jesus de Nazaré, que contemplamos no presépio, é verdadeiramente o Filho de Deus, convida a sentirmo-nos também irmanados com Ele, aprofundando em nós a consciência de sermos autenticamente filhos de Deus.

Diz-nos o Papa Francisco que «o Pai não nos deu uma coisa qualquer, mas o próprio Filho unigénito, que é toda a sua alegria» *(Homilia de Natal de 2020)*. Mais ainda, «ao considerarmos a ingratidão do homem para com Deus e a injustiça feita a tantos dos nossos irmãos, surge uma dúvida: o Senhor terá feito bem em dar-nos tanto? E fará bem em confiar ainda em nós? Não estará Ele a sobrestimar-nos?» (Ib.). A estas perguntas, responde que «sim, sobrestima-nos; e fá-lo porque nos ama a preço da sua vida» (Ib. ). Aliás, «não consegue deixar de nos amar» (Ib.).

Na verdade, «é feito assim, tão diferente de nós. Sempre nos ama, e com uma amizade maior de quanta possamos ter a nós mesmos. É o seu segredo para entrar no nosso coração» (Ib.).

De facto, «Deus sabe que a única maneira de nos salvar, de nos curar por dentro, é amar-nos. Não há outra maneira! Sabe que só melhoramos acolhendo o seu *amor incansável*, que não muda, mas muda-nos a nós. Só o amor de Jesus transforma a vida, cura as feridas mais profundas, livra do círculo vicioso insatisfação, irritação e lamento» (Ib.).

Esta experiência de Deus se encontrar connosco tão intimamente como o faz no Seu Filho que contemplamos na nossa natureza humana, desperta-nos para a verdadeira alegria.

A voz profética que nos alerta para a proximidade de Deus e que grita aos nossos ouvidos dizendo »rompei todas em brados de alegria, ruinas de Jerusalém porque o Senhor consola o Seu povo» realiza-se hoje aos nossos olhos na pessoa do Menino que nos foi dado, o Messias nasceu para nós.

Usando ainda as palavras do Papa Francisco afirmamos que «Deus nasceu menino para nos impelir a cuidar dos outros»*(Homilia de Natal de 2020)*. Verdadeiramente, «os seus ternos gemidos fazem-nos compreender como tantos dos nossos caprichos são inúteis. E temos tantos! O seu amor desarmado e desarmante lembra-nos que o tempo de que dispomos não serve para nos lamentarmos, mas para consolar as lágrimas de quem sofre» (Ib.).

De facto, «Deus vem habitar perto de nós, pobre e necessitado, para nos dizer que, servindo aos pobres, amá-Lo-emos a Ele».

Proclama-nos o profeta Isaias que «todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus» e no Evangelho de S. João é-nos referido que «a Deus, nunca ninguém o viu. O Filho Unigénito, que está no seio do pai, é que O deu a conhecer».

Brota destas expressões um compromisso para todos nós que nos deixamos fascinar pela beleza e divindade que nos envolve a partir da contemplação do presépio, reconhecendo a Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, a Palavra Eterna do Pai, somos impulsionados a ser testemunhas, por palavras e gestos, desta novidade junto de todos os nossos contemporâneos que andam na busca de Deus e que não conseguem encontrá-Lo.

Envolvidos no mistério da encarnação de Jesus de Nazaré, façamos do Natal uma forte interpelação à missão evangelizadora da comunidade cristã.

Junto do presépio, endereço os meus votos de santo e feliz Natal a todos os diocesanos que vivem no nosso território e a todos os que estão emigrados. Apresento estes meus votos de santo e feliz natal a todos os excluídos e marginalizados, prisioneiros e doentes, a todas as famílias, crianças e jovens, aos idosos e todos os que sofrem. Para os que se dedicam à causa pública, ao serviço do próximo, imploro as graças divinas do Menino Deus que nos foi dado.

Rogo a Nossa Senhora, santa Maria Maior, S. Bartolomeu dos Mártires, S. Teotónio e S. Paulo VI que abençoem todos os diocesanos e nos conduzam pelos caminhos que levam à evangelização do mundo de hoje.

Amen.

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo